



Apresentação

Houve um tempo em que havia trupes, talvez um encontro, quem sabe um momento. Dessas que se juntavam somando cores, desejos e credos quase comuns, e saíam por aí em busca de se conhecer conhecendo os outros Brasis, que hoje alguns chamam de Brasil profundo. Com o gosto de compreender, aprender, registrar e mostrar para o mundo nossas mazelas e virtudes.

Era 1993, talvez tudo isso já estivesse com um sabor quase nostálgico, mas um pouco antes a Eco-92 tinha de alguma forma revivido essa possibilidade. Não era um cenário, um quadro, uma conjuntura... mas apenas algo que soma tudo isso que leva alguns jovens, alguns menos, uns mais experientes que outros, não a construir os séculos indígenas. Séculos já trazem em si uma idéia de temporalidade, dessa que conhecemos e que pode ser recriada por outros que nela foram obrigados a viver.

Índio todo mundo sabe o que é. Ou criou na cabeça que sabe. O cru e o cozido. A partir daquelas imagens que nos chegaram nos romances e letras de Alencar, Gonçalves Dias, nos delírios dos cronistas, nas crônicas dos padres, nas cartas régias e nos regimes oficiais que foram se multiplicando... e ou na insensatez dos livros da escola e na espetacularização da TV. Como se todos tivessem falado tudo. Esgotado.

Indígenas, uma nova forma de se dizer índio, de se ver o índio, de identificar o índio como o próprio da terra, esse era o momento, depois da raiz provocadora que Mário Juruna, Marçal Tupã'i, Ângelo Kretã e outros guerreiros anônimos tinham fincado uma década antes, que remonta há quantos tempos...

Daí surge "Séculos Indígenas". O projeto, quase precursor naquela época. O movimento social dos índios vivendo uma era de mostrar seu vigor, de se deixar focar pela mídia, de ser visto. Agora não mais visto com os contornos meio subversivos do nascedouro da UNI (União das Nações Indígenas), na década de 80, quando todos ainda tentavam tirar o capuz sufocante dos medos trazidos pelos governos militares. A ecologia também surge mais visível na pauta midiática; por que não ligar índio e meio ambiente? Ventos vindos do sul já haviam arejado esses campos, na força da doçura solidária de Hilda Zimmermann batalhando com sua ANAI (Associação Nacional do Índio) lá no Rio Grande.

"Séculos Indígenas" é isso: um projeto de registro de situações, de falas, de emoções, em que se procura deixar que flutue a percepção dos povos indígenas em um dos tempos em que o movimento social desses povos de vozes polissêmicas encontrava-se quase em um único som de desejos e aspirações.

A proposta deste catálogo é disponibilizar ao público um guia do acervo de imagens que registram a situação dos povos indígenas, suas vozes, seus modos de vida, e suas inter-relações durante a década de 1990 conosco que estamos do lado de cá, quando, mesmo com todo desespero, todas as incertezas, estes ainda eram sinal de esperança no futuro, e não estávamos esgotados pelos discursos pasteurizados em que estamos mergulhados hoje.

Mas a idéia aqui não é cultivar um olhar nostálgico. É um guia para provocar novos olhares, novas descobertas. Para perceber que eles continuam aí ao nosso lado, talvez ainda não vistos, talvez mais do que nunca. Os indígenas, as belezas, as misérias e a resistência de ser um homem, um povo diferente, num mundo que se diz desencantado.

Toda escolha guarda em si uma convocação de vida ou morte. Assim como Álvaro Tukano, Frank Coe, Ailton Krenak guiaram o exercício de suas inquietações para a feitura do projeto “Séculos Indígenas no Brasil”, e deixaram algo para trás, no catálogo foi feita a escolha de se atrair os olhares priorizando a edição das imagens na maioria retirada da película e de certa forma contrariar o uso das normas convencionadas para indexação em trabalhos desse tipo.

Essa escolha fez com que este trabalho fosse dividido em cinco partes, nas quais se encontram agrupadas as imagens trabalhadas pela astúcia criativa de Alexandre de Freitas, convidando para esse novo olhar. Elas se agrupam por um eixo de sentido, pois falam das mesmas coisas, ou têm as mesmas intenções. Não é preciso dizer, mas é preferível repetir: essa é uma obra coletiva em que se buscou fazer um diálogo entre as idéias originais do projeto fílmico, a captura das imagens, com os textos e descrições.

São cinco partes:

Brumas, imagens e histórias – nas quais se busca reunir o que nos traz, ou que nos foi comunicado como história. Como uma névoa de encobrimento daquelas verdades que não foram contadas. Como um indício, uma suspeita de que ainda há muito a contar.

O verbo e o verde, homem e ambiente na fala de seus amantes – na constituição de um novo caráter para o humano no mundo moderno, o aprendizado com os indígenas. Traz a fala de pessoas que associaram suas existências à proteção da natureza, da vida e das diferentes formas de viver em paz com o planeta.

“...Surpreenderá a todos não por ser exótico mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto quando terá sido o óbvio” - A frase de Caetano Veloso vem de um anúncio, de uma premonição grafada na música “Um índio”. O que causa surpresa não é a estranheza do diferente, do estereótipo, e sim não ter enxergado antes. O índio por sua própria fala.

Urbis, Peri, peri-urbano – aquela cidade que você habita, aquilo que foi tomado como sonho de progresso, de civilidade. As tensões e interações intersocietárias. Aquele ser idealizado que está em busca de um outro ideal para continuar a viver novos significados. Nem tão urbano assim, mato-cidade, periferias dos Brasis.

Outras ocas, múltiplas palavras – as ocas, os caminhos, estão em muitos lugares a serem conquistados, retomados. A presença nos espaços das políticas do Estado Nação. Ninguém sozinho tem a palavra, são muitas, multiplicam-se como as cores que juntas formam um matiz novo, múltiplas palavras. Só o futuro dirá.

Aproximando-se do final, trazemos uma indexação das imagens do projeto “Séculos Indígenas”, com a localização dos segmentos que buscam contribuir para que outras pessoas, os indígenas especialmente, possam acessá-las, fazer descobertas, remontá-lo, utilizá-lo em seus estudos e em novas criações. Pode ser que cause surpresa o fato de que algumas imagens presentes no catálogo e identificadas na lista de indexação se encontrem em destaque com uma descrição mais detalhada e muitas outras não. É apenas uma forma de olhar. “Séculos Indígenas” continua nos novos olhares que virão a partir do material original que está sendo ofertado aos indígenas e a todos vocês.

Brasília, setembro de 2008

André R. F. Ramos
Historiador e Indigenista

